



NARRATIVAS EDITORIAIS: CONTRASTES ENTRE PUBLICAÇÃO DE LIVROS E REVISTAS ¹

EDITORIAL NARRATIVES: CONTRASTS BETWEEN BOOK AND MAGAZINE PUBLISHING

Mario Guidoux Gonzaga
Faculdade de Arquitetura, UFRGS
guidoux.gonzaga@gmail.com

Karine de Vargas Soares
Instituto de Letras, UFRGS
karinedevargas@gmail.com

RESUMO

Trata-se, neste artigo, de buscar reflexos comparativos entre as publicações de livros e revistas. Para tanto, é apresentado o contexto histórico no qual as revistas de arquitetura emergem e a síntese de suas principais contribuições. Os estudos desenvolvem-se por meio da análise de publicações das revistas Módulo e Summa e visam evidenciar contrapontos em relação aos livros. Em especial, o entendimento sobre como estas duas formas de documentação contribuíram de maneira ímpar para a historiografia da arquitetura.

Palavras-chave: Revistas de arquitetura; historiografia da arquitetura moderna; Módulo; Summa.

ABSTRACT

This paper deals with the comparative contrasts between publishing of books and magazines. In order to do that, a historical context in which architecture magazines first appeared is shown along with a summary of their main contributions. The study was done through the analysis of the magazines Módulo and Summa aiming to show contrasts with books. This paper deals specially with the understanding of how these two forms of documentation contributed to the historiography of architecture.

Keywords: Architecture magazines; historiography of modern architecture; Módulo; Summa.

1 INTRODUÇÃO

Revistas são documentos excepcionais, uma vez que nelas “o juízo histórico é substituído pelo juízo crítico, produzido no fervor do momento, sem a distância temporal necessária para uma justa interpretação dos fatos” (DEDECCA, 2009). Se o autor de um livro pode se beneficiar do distanciamento temporal para expressar todas as camadas de interpretação que o conhecimento acumulado permite, a rapidez com que as revistas são publicadas exige tamanha instantaneidade que o conteúdo deixa transparecer claramente as afiliações dos autores e, principalmente, do corpo editorial que decide, em última instância, aquilo que será publicado naquela edição.

Pela rapidez com que são produzidas, as revistas “antecipam os textos que o livro demora a publicar. A revista, campo de prova e de ensaios, avança e arrisca, enquanto o livro corrige” (TARCUS, 2007). Da mesma forma que os livros, ao utilizarem as revistas como referência, corrigem o que nelas foi publicado com uma camada de interpretação possível apenas com o distanciamento, ou seja, com o passar do tempo, o que esta pesquisa pretende é apresentar subsídios para trabalhos que façam o caminho inverso: buscar nas revistas uma visão da história escrita contemporaneamente aos fatos

¹ GONZAGA, M. G.; SOARES, K. V. Narrativas Editoriais: contrastes entre publicação de livros e revistas. In: 11° SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL. *Anais...* Recife: DOCOMOMO_BR, 2016.



que possa abrir caminho para, se não uma correção do conteúdo dos livros, uma problematização da historiografia.

No início do século XX, as revistas culturais, com as mais diversas manifestações artísticas, se tornaram um território fértil para o lançamento de novas ideias. Estas publicações surgiam “em todo momento de muita agitação intelectual e artística do século XX, em toda cidade que vivia efervescência cultural” (PIZA, 2004) fosse publicando ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis e entrevistas das mais diversas expressões culturais ou lançando manifestos e discursos. Ao estudar os coletivos artísticos do início daquele século, fica claro que “a expansão das vanguardas estava diretamente ligada à expansão da imprensa, dos recursos gráficos, do público urbano ávido por novidades” (PIZA, 2004). Se, como afirma Bourdieu, “a publicação é o ato de oficialização por excelência” (BOURDIEU, 1996), a arquitetura encontrou nas revistas o meio ideal para divulgar e legitimar o discurso modernista que surgia.

A popularização dos ideais da Arquitetura Moderna aconteceu em grande parte pela publicação dos seus manifestos nestes periódicos especializados. Autores no início do século XX já não precisam esperar décadas para publicar seus tratados em grandes volumes, as revistas – muitas vezes editadas por estes mesmos autores – permitem a publicação dos ensaios separadamente. A partir deste momento, as revistas “assumem em parte o papel que os tratados tinham para a arquitetura clássica, o de difusores de conceitos, imagens e formas” (TORRENT, 2011) com o benefício da agilidade que permite que estes se tornem verdadeiros “formadores do campo disciplinar tanto por seus anseios iniciais quanto por seu impacto posterior” (TORRENT, 2011).

Além das vantagens econômicas e do controle editorial que o formato proporciona, as revistas, por sua rapidez e periodicidade constante, permitem que o leitor, ao saber que o periódico “está sendo consumido em diferentes locais [...] por pessoas que ele não conhece” (FRANCISCATO, 2005), tenha uma “confirmação de que pertenceria a uma comunidade imaginária” (FRANCISCATO, 2005) de pares que não apenas consomem o mesmo conteúdo, mas que têm acesso a essa informação simultaneamente. Esta noção de comunidade reforça o discurso da revista, estimulando o consumidor a “agir de forma minimamente coordenada [...] nas concepções e valores sobre os eventos descritos” (FRANCISCATO, 2005) nas páginas da publicação.

2 AS REVISTAS E A HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA MODERNA

No Brasil, as publicações de arquitetura foram extremamente importantes tanto para o amadurecimento da profissão – revistas europeias traziam a produção internacional para o país – quanto para difusão e afirmação de uma arquitetura moderna brasileira, uma vez que as obras dos nossos arquitetos foram largamente publicadas internacionalmente. Com o aumento desse interesse, doméstica e internacionalmente, surgiram, naturalmente, as primeiras revistas modernas no Brasil. E mesmo que estas publicações “não se propusessem a escrever uma história” (TINEM, 2010), esse “periodismo multifacetado que se consolidou ao longo do século XX [...] foi responsável pela veiculação de ideias e imagens que ajudaram a transformar o ideário e a prática profissional” (SEGAWA, 2005) daquela época e, “por sua repercussão, confirmariam uma imagem dessa produção e serviriam de fonte tanto aos ensaios monográficos iniciais como aos manuais que canonizaram a participação do Brasil na história da arquitetura moderna” (TINEM, 2005).

Na Argentina, o desenvolvimento das revistas de arquitetura esteve “profundamente ligado aos distintos momentos do processo de modernização” (CIRVINI, 2011) e coincide com a “criação das instituições de formação profissional vinculadas à engenharia e arquitetura” (CIRVINI, 2011) na transição entre os séculos XIX e XX. Estas publicações foram indispensáveis para “forjar a identidade da profissão jovem em busca de espaço em um país que desabrochava” (CIRVINI, 2011). Assim como no caso brasileiro, na Argentina as primeiras revistas a publicar arquitetura eram multidisciplinares;



na maioria das vezes ligadas às belas artes ou à engenharia. Somente com a consolidação da figura do arquiteto – principalmente através de corporações como a Sociedad Central de Arquitectos – é que surgem as primeiras revistas dedicadas exclusivamente à arquitetura.

Tal controle sobre uma publicação periódica é “um instrumento muito adequado em toda estratégia de poder intelectual” (GIRBAL-BLACHA; QUATTROCCHI-WOISSON, 1999), o que explica a quantidade de revistas editadas pelos próprios arquitetos que criaram revistas “não apenas representando arquitetura, mas na condição de verdadeiros ‘terrenos’ para a produção arquitetônica” (COLOMINA; BUCKLEY, 2010).

Em 1921, Le Corbusier se associou a Amedée Ozenfant e juntos criaram a *L’Esprit Nouveau*, revista que possibilitou que a dupla publicasse, em seus primeiros números, o manifesto Purista, uma nova estética pós-cubista para as artes e arquitetura que provavelmente não encontraria espaço nas revistas francesas de arte do início da década de 1920. Ao longo da primeira metade desta década Le Corbusier produziu – e publicou em sua revista – uma série de artigos que resultariam em *Por uma Arquitetura*, publicado em 1923.

A publicação dos artigos encartados em *L’Esprit Nouveau* permitiu que Le Corbusier não apenas testasse suas ideias separadamente antes de juntá-las em formato de livro mas também exercesse controle sobre a maneira como o texto seria apresentado. Decidiu “adotar um layout que era ao mesmo tempo convencional em sua tipografia, mas radical em sua retórica” (FRAMPTON, 2008) no qual o texto “é quebrado por títulos em caixa alta com uma fonte não serifada” (FRAMPTON, 2008). Estas sutilezas – e a atenção a todos os aspectos da publicação – só foram possíveis graças ao controle exercido por Le Corbusier durante todo o processo. Na edição inglesa, publicada pela primeira vez em 1927 por John Rodker, por exemplo, não foi apenas o título que ganhou uma *nova* palavra; as manobras tipográficas foram descartadas em um golpe inaceitável que faria com que “Le Corbusier se esforçasse para evitar nas traduções subsequentes” (FRAMPTON, 2008).

Quase meio século depois, quando as ideias publicadas nas primeiras edições de *L’Esprit Nouveau* já haviam passado de revolucionárias à reacionárias na percepção dos jovens arquitetos, uma nova categoria de revista emerge. As Little Magazines, que ganharam esse nome como uma herança das “revistas predominantemente literárias do início do século XX que tomaram como missão a publicação de arte” (COLOMINA; BUCKLEY, 2010), tiveram um impacto tão grande nos anos 1960 que até algumas das publicações mais importantes da época como *Architectural Design* e *Casabella* se aventuraram em adotar o estilo das Little Magazines com “mudanças drásticas nos seus modelos de negócios e políticas editoriais” (COLOMINA; BUCKLEY, 2010).

No contexto das Little Magazines, um grupo de jovens arquitetos de Londres cria uma revista – que acabaria se tornando seu próprio nome: *Archigram*. É através da autopublicação que o *Archigram* consegue disseminar seus ideais de uma nova arquitetura, “inventando uma plataforma própria a partir da qual se pode mostrar projetos que de outra maneira seriam pouco conhecidos ou que sequer teriam alguma chance de ser construídos” (CABRAL, 2011). A revista *Archigram* se tornaria a própria obra do grupo, suas propostas não chegaram a ser construídas e os exemplares da revista têm hoje valor tanto como obras de arte quanto documentos que guardam a história de uma arquitetura que respondia ao brutalismo do pós-guerra.

O problema que levou à criação da revista *Archigram* era que, uma vez que “as revistas dependem muito da publicidade” (CROMPTON, 2005), o conteúdo precisa mostrar aquilo que os anunciantes construíram. A maioria esmagadora das revistas da época, portanto, publicava apenas obras construídas e, embora Peter Cook, David Green e Michael Webb estivessem com um grande repertório de “ideias arquitetônicas, conceitos e até maquetes e desenhos, não havia espaço para publicar este material”. Esta insatisfação com o mercado editorial estabelecido, somado à facilidade



de imprimir conteúdo graças às novas tecnologias, resulta na criação destas revistas editadas pelos próprios arquitetos produtores de conteúdo.

Figura 01 – Página da revista Archigram número 05 de 1964.



Fonte: Digitalizado por Iqbal Aalam, 2008. disponível em <<http://www.flickr.com/photos/iqbalaalam/>>

Esta efervescência editorial dos anos 1960 é atribuída em grande parte por Dennis Compton, editor de Archigram entre 1963 e 1970, e a facilitação do acesso a equipamentos de impressão:

O que acontece entre os anos 1950 e 1960 é que a impressão em offset fica disponível como um bem de consumo, ao contrário da impressão tipográfica que requer um equipamento profissional industrial. Enquanto na tipografia as letras são peças individuais de metal, a impressão em offset permite que um texto de máquina de escrever, manuscritos ou pequenos desenhos podem ser reproduzidos. (CROMPTON, 2005)

Um pouco antes do Archigram surgir para criar um espaço de publicação onde não havia nenhum, Oscar Niemeyer via sua obra sendo o assunto preferido da crítica internacional desde a exposição Brazil Builds (MoMA, 1943). Em 1955, no entanto, Niemeyer cria a Módulo, a revista que “defenderia uma posição já dominada” (CABRAL, 2011) por ele no cenário arquitetônico, atuando como uma forma de expressão do próprio arquiteto.

3 DOS LIVROS E DAS REVISTAS

O estudo das revistas permite uma visão complementar aos livros. A partir delas podemos entender o que foi valorizado durante determinada época despidos de juízos realizados por terceiros em épocas diferentes sob influência dos preconceitos acumulados ao longo do tempo. O estudo da história da arquitetura através das revistas permite ao pesquisador contemporâneo a comparação entre o discurso feito à época da obra publicada e aquele produzido extemporaneamente, muitas vezes baseado nos próprios textos das revistas, permitindo, uma “dupla leitura da matéria estudada e da ideologia do momento histórico em que foi estudada” (WAISMAN, 2013). Esta reconstrução da história cria uma oportunidade para entender a influência destas publicações na produção arquitetônica em um ciclo no qual ao mesmo tempo em que “a práxis fornece os objetos de reflexão; a reflexão [...] fornece os conceitos que orientarão a práxis”, como afirmado por Marina Waisman.



Em contraponto às revistas, o processo de produção de um livro vale-se do tempo como engrenagem e motor. Enquanto a revista deve respeitar certa ordem de periodicidade, o livro passa por etapas como a primeira leitura e preparação do texto, editoração, revisão e, por fim, provas de miolo e capa, processo de divulgação e logística de distribuição até chegar às mãos do leitor. Ou seja, do ponto de vista editorial, a revista, apesar de também passar por um processo de produção muito parecido, não pode se demorar em nenhuma etapa, pois seu conteúdo, de certa forma, tem “data de validade” enquanto o do livro tem caráter perene.

Como afirmado por Claudia Cabral, toda revista marca uma posição, e esta posição pode obedecer tanto a imperativos comerciais quanto anseios arquitetônicos. Assim surge a revista *Módulo*, editada no Rio de Janeiro de 1955 a 1989 e que serviu como plataforma para que seu idealizador, Oscar Niemeyer, mostrasse “seus próprios projetos da maneira que melhor lhe convinha” (CABRAL, 2011), deixando transparecer seu posicionamento e levando a revista a assumir uma postura coadjuvante na carreira do arquiteto, o que pode explicar a inconstância no volume de edições publicadas. Já na Argentina, em 1963, surgiu uma revista orientada na união das profissões ligadas à forma: arquitetura, engenharia e design. Essa atitude menos pessoal fez com que a *Summa* se desenvolvesse a ponto de tornar-se uma revista comercial com uma equipe editorial dedicada capaz de lançar uma edição mensal por mais de vinte anos.

3.1 Módulo

A *Módulo* foi uma revista de arquitetura e artes publicada no Rio de Janeiro de 1955 a 1989 sob a direção de Oscar Niemeyer. A publicação surgiu em uma época em que a arquitetura moderna brasileira, capitaneada pela obra de Niemeyer, “era o alvo preferencial de críticas internacionais explícitas e nacionais veladas” (ZEIN, 2012). Embora nunca tenha sido explicitado pelos seus criadores, o surgimento da revista pode ser entendido como uma resposta do arquiteto através de uma plataforma na qual ele poderia publicar sua obra da maneira que mais lhe convinha.

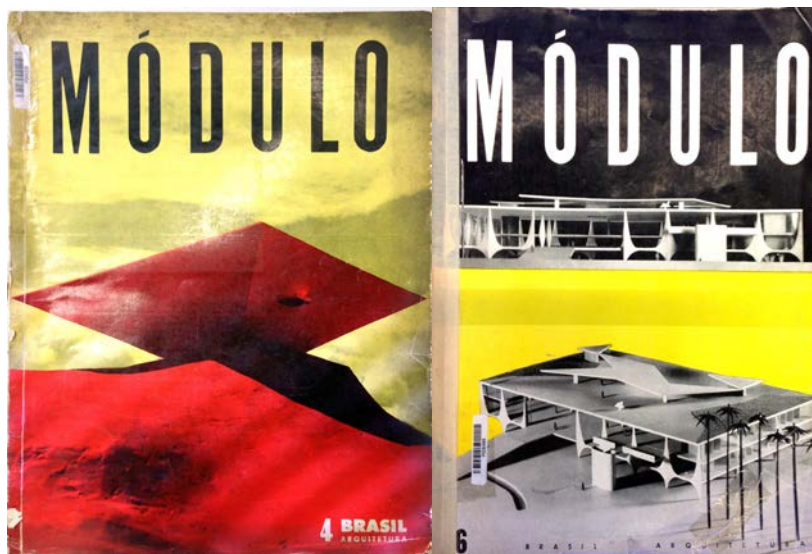
Nas páginas de *Módulo*, Niemeyer teve a liberdade para mostrar sua produção acompanhada dos textos e obras que corroboravam com sua visão da arquitetura moderna e iam ao encontro de seus valores. Nada do que foi publicado na revista foi ao acaso; a curadoria realizada pela equipe sob o olhar atento do arquiteto tinha o objetivo de firmar a obra de Niemeyer como representante incondicional da arquitetura brasileira.

Ainda que tenha sempre sido uma revista dedicada à arquitetura moderna, se pensarmos na analogia militar presente no conceito de vanguarda, sua atuação não foi de conquista, mas sim de defesa de uma posição já conquistada (CABRAL, 2011)

As obras publicadas na revista *Módulo* estão distribuídas, majoritariamente, em três cidades: Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo. Não é nenhuma surpresa que este seja o tripé geográfico de uma revista editada por Niemeyer, que morou durante a maior parte de sua vida na capital fluminense e foi responsável pelos mais importantes edifícios de Brasília em uma época em que São Paulo já era o centro econômico do Brasil.



Figura 02 – Capas da Revista Módulo com projetos de Niemeyer.



Fonte: Arquivo Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, digitalizado por Mario Guidoux Gonzaga.

Em 1955, Niemeyer encontrava-se em uma delicada posição em que ao mesmo tempo era liderança e alvo, fazendo com que sua obra fosse constantemente usada como exemplo da arquitetura brasileira em artigos nem sempre elogiosos. Niemeyer, que até então dizia que sua obra deveria defender-se primeiramente pela sua qualidade, sentiu, pela primeira vez, a necessidade de se explicar.

Uma entrevista com o artista suíço Max Bill, publicada em 1953 na Revista Manchete, levou Lucio Costa a defender Niemeyer em um texto publicado imediatamente após a edição da Manchete e isto pode ter sido o estopim para a criação da Módulo. Bill, que visitava o Brasil para uma série de palestras, concedeu uma entrevista à revista Manchete que seria publicada por Flávio de Aquino com o título de “Max Bill critica: a nossa moderna arquitetura”. Bill critica o partido adotado no edifício Ministério da Educação e Saúde alegando que a escolha de “condenar o pátio interno construindo o prédio sobre pilotis” (AQUINO, 1953) prejudicou a habitabilidade uma vez que não cria “correntes de ar ascendente que produziram melhor ventilação” (AQUINO, 1953); seus comentários sobre o mural de azulejos produzido por Portinari também não são elogiosos, o suíço afirma que estes “quebram a harmonia do conjunto, são inúteis” e vai além ao condenar todo mural que não tem função “ilustrativa, isto é, narrar, através de imagens facilmente reconhecíveis, aquilo que a maioria do povo não podia aprender através da linguagem escrita” (AQUINO, 1953).

É neste cenário que Niemeyer decide que o momento é oportuno para criar um veículo próprio de divulgação arquitetônica que afirmaria sua posição como peça-chave de uma arquitetura moderna brasileira que lutava para ter sua qualidade reconhecida na crítica. Desde o primeiro número, a Módulo se posicionou como uma “plataforma para que Niemeyer mostrasse seus próprios projetos da maneira que melhor o convinha” (CABRAL, 2011). O primeiro número, com os pilares para o Parque do Ibirapuera na capa, é o exemplo emblemático desta postura pois responde à crítica de Max Bill aos pilotis do Edifício Califórnia, chamados pelo suíço de “última deformação da forma livre e da utilização, a mais fantasista dos pilotis. É a floresta virgem da construção, no pior sentido, é a anarquia completa” (BILL, 1954) em outro artigo republicado pela Revista Habitat um ano após o primeiro.

A Módulo marcou a tentativa de Niemeyer em “assumir as responsabilidades na direção do movimento” (MIRANDA, 2008) através da publicação não apenas de suas obras com textos de



diversos autores exaltando sua qualidade, mas também de um conjunto de artigos de sua própria autoria. Assim, “se tomados em conjunto, [...] podem ser entendidos como um esforço concertado de teorização” (ZEIN, 2012) com função de defender sua produção frente àqueles que, nas palavras do arquiteto, “não sorriam [...], incapazes de nos acompanhar nas formas mais livres que propúnhamos” (NIEMEYER, 1978).

3.2 Summa

Criada na Argentina em 1963, durante uma época de tensão entre universidade e governo, a Summa surgiu com uma estrutura aberta, “apresentando uma temática mensal, crítica arquitetônica nacional e internacional e concursos sob a perspectiva de Buenos Aires” (LORENZO-EIROA, 2010). Seu criador, Carlos Méndez Mosquera, estava envolvido com o mercado editorial desde 1951 quando, junto a Tomás Maldonado e Alfredo Hilto criou a importantíssima *Nueva Visión* que, embora tenha sido publicada por pouco tempo, “produziu uma ruptura com os conceitos de representação, baseado na estrutura teórica de László Moholy-Nagy” (LORENZO-EIROA, 2010). A Summa não surgiu para criar um espaço para mostrar ideias não publicadas nas revistas existentes, também não surgiu para defender uma expressão específica da arquitetura moderna; foi uma revista comercial que buscava ser o “meio de comunicação entre todas as pessoas interessadas em atingir um alto nível de qualidade em arquitetura, tecnologia e design” (MOSQUERA, 1963) e que se estenderia por toda a América Latina a partir de Buenos Aires, garantindo uma abrangência continental.

Figura 03 - Revista Summa: Estádios do mundial de 1978 (edição 125, 1978) e crítica ao Centro Georges Pompidou (edição 119, 1977)



Fonte:Arquivo Sociedad Central de Arquitectos, Buenos Aires, digitalizado por Mario Guidoux Gonzaga.

A revista surgiu como um projeto paralelo de Carlos e Lala Méndez Mosquera, que nos anos 1960 já se dedicavam à agência de publicidade Cícero. Com o sucesso relativo dos primeiros números, Lala assumiu o comando da revista a partir da quinta edição e ficou a frente da Summa até o seu fechamento, em 1992. Foi então que, em meio a uma crise econômica, a Summa deu lugar à Summa +, editada até hoje. A publicação obteve um sucesso comercial considerável durante a sua primeira década, tornando-se uma das mais importantes revistas de arquitetura em língua espanhola “em parte graças às limitações editoriais impostas governo Franco [na Espanha] durante aquela época” (LORENZO-EIROA, 2010).



A proposta editorial da Summa foi baseada na ligação entre a arquitetura, o design e a tecnologia produzidos na América Latina. Durante os trinta anos em que foi publicada, este enfoque foi se abrindo com o aumento da importância do patrimônio histórico – em grande parte pela participação ativa de Marina Waisman no corpo editorial – e das discussões sobre a identidade arquitetônica latino-americana, a partir dos anos 1980.

A crítica da arquitetura esteve presente na Summa desde a primeira edição, quando os projetos do concurso para Edifício Peugeot foram minuciosamente analisados sob diferentes perspectivas para complementar a exposição dos premiados que a revista publicou nesta mesma edição. Também quando, em 1983, durante as comemorações dos vinte anos da revista, a Summa criou uma sessão permanente dedicada à crítica, o que acabou gerando um debate caloroso entre os arquitetos argentinos.

3.3 Periodicidade

A Summa e a Módulo foram revistas com características comerciais distintas. Enquanto a publicação argentina foi lançada em um ritmo constante durante quase todo tempo em que circulou, com uma média de onze números por ano de 1970 a 1990, a brasileira flutuou entre três e seis edições anuais durante as duas fases de publicação, com picos no meio dos dois períodos, chegando a seis edições em 1959 e oito em 1981.

A inconstância da Módulo demonstra claramente os períodos de ascensão e declínio da revista. Os primeiros anos de otimismo, aumentando gradativamente o número de edições por ano até chegar a um ponto em que, ao que tudo indica, a revista acaba se tornando maior do que a sua equipe conseguia administrar e inicia uma diminuição gradual da quantidade de números anuais, culminando com os dois fechamentos da revista, em 1965 e 1989. A Summa, por outro lado, embora tenha passado os seus primeiros sete anos na condição de uma revista quase experimental, com capas enigmáticas e formato variado, amadurece e, a partir de 1970, se estabelece como uma publicação com formato próprio e circulação estável de edições mensais e, normalmente, uma edição dupla por ano.

Estas diferenças entre as duas revistas podem ser explicadas com o estudo das equipes responsáveis por cada uma. A Summa, embora tenha começado como um projeto paralelo de Carlos Méndez Mosquera, diretor da Cícero Publicidad, acabou sendo dirigida por Lala Méndez Mosquera, em regime de dedicação exclusiva da quinta edição em diante, sendo substituída por Julio Cacciatore apenas nos anos 1990. A Módulo, por outro lado, sempre teve em Niemeyer a sua figura central e, mesmo quando incorporou outros responsáveis, como no caso dos conselhos de arquitetura, estes também praticavam a arquitetura, podendo se dedicar à revista somente quando não estivessem em seus escritórios.

Mesmo se considerarmos a Summa como uma revista comercial que se esforça em lançar edições em um ritmo constante, chegando à média de onze edições anuais e a Módulo como uma revista circunstancial que só publica as edições que realmente interessam ao corpo editorial, com no máximo seis números por ano, ambas firmaram uma identidade editorial que se manteve por trinta anos e lograram manter este volume mínimo constante de uma nova edição a cada dois meses.



4 CONCLUSÕES

De certa forma, nada é mais velho que uma revista velha. [...] O que promoveram quando eram parte do presente já foi incorporado à cultura comum e está ali, nos livros [...]. O que não conseguiram impor, se mostra como a triste evidência de um fracasso que foi, em seu momento, uma aposta perdida. (SARLO, 1992)

As características pontuais que definem os limites entre livros e revistas têm mais relação com temporalidade do que com conteúdo. O conteúdo da revista precisa ser relevante apenas até o lançamento da próxima edição, quando uma nova leva de novidades será lançada pelo mesmo corpo editorial responsável pelo já ultrapassado conteúdo. O livro, por outro lado, aspira à eternidade, normalmente é lançado com uma narrativa completa que não será substituída por conteúdo produzido pelo mesmo autor.

Enquanto as edições de uma revista são lançadas para serem consumidas logo, os livros aspiram à perenidade. Este contraste permite que os livros destilem, muitas vezes, o conteúdo lançado pelos próprios periódicos, selecionando aquilo de mais relevante foi escrito e adaptando o discurso imediatista das revistas para o seu formato próprio.

Esta diferença temporal entre os dois meios de publicação não significa que o conteúdo publicado em revistas antigas é irrelevante. Pelo contrário. Por ser produzido contemporaneamente aos fatos relatados e com e impregnado do espírito da época, transparece mais do que apenas o conteúdo, acaba demonstrando os valores daquele momento exato da história, tornando-as especialmente interessante para o estudo historiográfico da arquitetura moderna, cuja história pode ser lida a partir das publicações periódicas lançadas pelos protagonistas do movimento.

Na história da arquitetura, os livros, catálogos de exposições e monografias beberam da fonte das revistas para escrever a história oficial. Assim como estes livros selecionam o material relevante e eventualmente corrigem exageros e desleixos cometidos pelas revistas, o estudo dos periódicos extemporaneamente à sua publicação com o conhecimento adquirido com o passar das décadas permite se não a correção de erros na narrativa histórica, uma nova camada de interpretação historiográfica que enriquece o conjunto bibliográfico.

O estudo das revistas paralelamente aos livros permite um olhar complementar para a história. Com o conhecimento existente hoje, a leitura de qualquer conteúdo produzido há trinta anos não é feita de maneira inocente, mas sim em busca de pistas que revelem posturas e acontecimentos que desencadearam episódios definidores para a história da arquitetura.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Flavio. Max Bill. **O Inteligente Inonoclasta**. Habitat. São Paulo 1953.

BILL, Max. **O arquiteto, a arquitetura, a sociedade**. Habitat. São Paulo 1954.

BOURDIEU, Pierre. **Cosas Dichas**. Barcelona: Gedisa, 1996. (tradução nossa)

CABRAL, Claudia. La revista como escudo: Módulo y Oscar Niemeyer. In: TORRENT, H. (Ed.). **Revistas de Arquitectura: Representaciones urbanas y paradigmas disciplinares**. Santiago de Chile: T6 Ediciones, 2011.

CIRVINI, Silvia Augusta. **Las revistas técnicas y de arquitectura (1880-1945). Periodismo especializado y modernización en Argentina**. Argos, v. 28, n. 54, p. 13-60, 2011. (tradução nossa)

COLOMINA, Beatriz; BUCKLEY, Craig. **Clip Stamp Fold. The Radical Architecture of little magazines 196X to 197X**. Barcelona: Actar, 2010. (tradução nossa)



CROMPTON, Dennis. **Interview with Dennis Crompton - Archigram**. Clip Stamp Fold. COLOMINA, B.;BUCKLEY, C., et al. Barcelona: Actar 2005. (tradução nossa)

DEDECCA, P. G. **Aproximações, diferenciações e embates entre a produção do Rio de Janeiro e de São Paulo nas revistas de arquitetura (1945-1960)**. VIII Seminário Docomomo Brasil - Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e paradoxo das Artes, 2009. Rio de Janeiro.

FRAMPTON, Keneth. **Corbu, Constructed**. Architect Magazine, 2008. Disponível em: <http://www.architectmagazine.com/design/corbu-constructed_o>. Acesso em março de 2016. (tradução nossa)

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

GIRBAL-BLACHA, Noemí; QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Cuando opinar es actuar : Revistas argentinas del siglo XX**. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1999. (tradução nossa)

LORENZO-EIROA, Pablo E. **Summa: Revista de arquitectura, tecnologia y diseño**. In: COLOMINA, B. e BUCKLEY, C. (Ed.). Clip Stamp Fold. Barcelona: Actar, 2010. (tradução nossa)

MIRANDA, Clara Luiza. **A Crítica nas revistas de arquitetura dos anos 50**. In: SEGRE, R., V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2008. Universidade Católica de Campinas.

MOSQUERA, Carlos A. Méndez. **Introducción**. Summa, n. 1, 1963 (tradução nossa)

NIEMEYER, Oscar. **A forma na arquitetura**. Rio de Janeiro: Avenir editora, 1978.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

SARLO, Beatriz. **Le discours culturel dans les revues latino-américaines (1940-1970)**. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1992. (tradução nossa)

SEGAWA, Hugo; CREMA, Adriana; GAVA, Maristela. **Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas**. Arquitectos, n. 057.10, 2005.

TARCUS, Horacio. **Catálogo de revistas culturales argentinas**. Buenos Aires: Ce.D.In.C.I, 2007. (tradução nossa)

TINEM, Nelci. **As revistas de arquitetura como documentos pré-canônicos**. I Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2010. Rio de Janeiro.

TORRENT, Horacio. Presentación. In: TORRENT, H. (Ed.). **Revistas de arquitectura: Representaciones urbanas y paradigmas disciplinares**. Santiago de Chile: T6 Ediciones, 2011. (tradução nossa)

WAISMAN, Marina. **O Interior da História: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ZEIN, Ruth Verde. **Da Crítica Alheia à teoria própria**. Arquitectos, n. 151.04, 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/13.151/4608>>. Acesso em março de 2016.